



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Janeiro

Brasil

ROCHA, ADAIR
Observações Periféricas
Periferia, vol. 1, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 112-121
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156380005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ADAIR ROCHA

Observações Periféricas

Resumo:

O confronto do glossário urbano periférico com a concepção moderna e contemporânea de cidade é o escopo deste trabalho. Tomando a cidade/ capital/ metrópole do Rio de Janeiro como referência, há um tratamento singular para a relação periferia-centro, em razão da proximidade das desigualdades e, portanto, do conflito. De outro lado, há a possibilidade transformadora da afirmação da diferença quando a cultura exerce papel político orientador na definição de políticas públicas urbanas. A Lapa é síntese da representação da diversidade da cidade.

Palavras-chave: *periferia-centro; poder paralelo; fragmentação; comum; cerzimento.*

Abstract:

The scope of this work is the confrontation of the peripheral urban glossary with the modern and contemporary conception of a city. Adopting the city/ capital/ metropolis of Rio de Janeiro as a reference, we try a singular approach to the relation periphery-center, with its interzone of inequalities and conflict. On the other side, the transforming possibility of difference, when culture performs a political role on the definition of urban public policies. Lapa – the traditional bohemian neighborhood - synthesizes the representation of the diversity of the city.

Key words: *periphery-center; parallel power; fragmentation; common; social darning.*

Pensar a Cidade

Pensar os Morros da Cidade

Pensar as Favelas nos Morros da Cidade

Pensar os Moradores das Favelas nos Morros da Cidade

Itamar Silva¹

Vive-se um momento muito especial na realidade urbana brasileira, hoje. No interstício do susto, da crise, do risco e da apreensão, aprende-se mais que nunca.

A literatura, o cinema, a política, a religião, a festa e o “jeitinho”, têm se dado as mãos ou se degladiado em torno do tema recorrente: a violência.

O tratamento de choque que faz sobressair o lugar da escassez, expondo as astúcias do poder paralelo, parece ter chegado ao topo. Filmes como *Cidade de Deus*, *Notícias de uma Guerra Particular*, *Tropa de Elite*, *Era uma Vez...*, parecem ter esgotado o repertório da denúncia e, sobretudo da territorialização do conflito, cuja raiz está muito mais espalhada e historicamente localizada no processo de construção da cidade e das razões de sua concentração que evidencia a categoria sócio-político-antropológica: centro – periferia ou a falsa dicotomia favela/asfalto.

Todo meio acadêmico, preocupado com sua vocação do processo de produção do conhecimento e do pensamento, engaja-se cada vez mais nas possíveis saídas, que em última instância, são de natureza política, na expressão da política pública, mas que se sustentam nas iniciativas da sociedade e de suas instituições. A construção do caminho da liberdade tem um rumo desbravador, não aventureiro, porém ousado, que vai na direção periferia-centro.

Este tratamento fica evidente com a nitidez da desigualdade, apresentada especialmente pela estrutura urbana brasileira.

O Rio de Janeiro (cidade/capital e estado) apresenta uma característica especial no movimento centro-periferia e vice-versa.

¹ Itamar Silva, in prólogo de - Adair Rocha. *Cidade Cerzida: a Costura da Cidadania no Morro Santa Marta*. 2. Ed. Rio de Janeiro, Museu da República, 2005.

A proximidade geográfica redefine, a todo momento, a natureza das relações pessoais, interpessoais, familiares, associativas, religiosas, políticas e institucionais. Portanto, está em pauta a definição, a redefinição e a recriação do modelo de Estado que dê conta da criação e da prática de políticas públicas e sociais que possam responder aos desafios e demandas evidenciados nos sintomas que os conflitos da cidade apresentam.

O cenário carioca pode ser tomado como referência para o enfrentamento da questão urbana brasileira com acento especial sobre a cultura como expressão política interativa, multi e interdisciplinar capaz de reencontrar o caminho urbano, quando acesso e direito são pressupostos da construção de políticas públicas, democráticas e cidadãs.

Tomando a Lapa como síntese da cidade carioca na dicotomia centro-periferia, busca-se o lugar de encontro, no seu sintoma de tensão, de criação e de desobstacularização.

Há que seclarear, então, praticamente um glossário que explicita as contradições presentes nas relações de desiguais, que procure, ao mesmo tempo, afirmar a diferença.

Que palavras-chave, entram em campo, na disputa hegemônica de resultados, via-de-regra voltados para a instrumentalidade do presente, também apontados como moeda-de-troca?

- a. Centro/Periferia
- b. Poder Paralelo

Glossário Urbano Periférico

A retomada da LAPA, memória desse espaço boêmio, tanto no seu aspecto técnico de reforma urbana, como na recuperação da possibilidade criativa da cultura, reativa, ao mesmo tempo, alguns conflitos, sendo o principal deles o afastamento da chamada “população sem memória”, ou aqueles cuja presença desterritorializa os novos sujeitos do espaço.

Por outro lado, constata-se uma das retomadas mais eficazes e eficientes da sociedade carioca e fluminense deste espaço simbólico.

A economia da cultura aglutina o samba, o rock, o choro, a MPB e as culturas tradicionais como o JONGO e a música clássica, em casas como o Circo Voador, a Fundição Progresso, a Estrela da

Lapa, e vários outros espaços; que reúnem quase todas as noites, moradores das favelas, da Zona Sul, da Zona Norte e dos bairros periféricos, a multidão da LAPA.

O teatro, com dois grupos clássicos da interação com o público que se transforma em atores: Tá na Rua e Teatro do Oprimido, com os diretores históricos Amir Haddal e Augusto Boal.

Do ponto de vista das políticas públicas², há três pontos de cultura e um Pontão de Cultura digital, localizados na LAPA. O governo do Estado também está presente, renegociando inclusive as dívidas do IPTU (município) e previdência para viabilizar as restaurações e reformas dos casarões.

A diversidade da cultura carioca está presente, também nos antiquários, que é outra mania do comércio, como a gastronomia que abre o apetite da cultura.

Dadas as ambigüidades, a pluralidade, a diversidade e complexidade de convivência do desigual, do diferente, no acerto de contas ou na conta de chegada das relações de poder, o resultado precisa de regras, critérios de gestão na direção do público que aponte cada vez mais a potencialidade do comum.

Há, finalmente, potencialidade da ampliação comercial e industrial no espaço lapiano, podendo aproveitar, inclusive a presença, ao lado dos Arcos, da ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ) com reconhecimento internacional, por programas e convênios desenvolvidos com Alemanha, Itália e Canadá, por exemplo.

Isto significa que quando a diversidade cultural se implanta na interlocução de territórios, a potencialidade vem à tona e se enxerga para além dos muros, onde a vida, às vezes parece adormecida, quando desempenha apenas a sua função “normal”.

Assim como pela ESDI, a Lapa é cercada pela potencialidade instrumental, diversa e plural do Rio, que seu centro-periferia abrigam.

² Cultura Viva – Programa do Governo Federal, através do Ministério da Cultura, desenvolve convênios com a sociedade civil, no caso com os grupos já citados: Tá na Rua/Teatro do Oprimido e Circo Voador.

a. *Centro-Periferia*

Expressão que desde o início incorpora a dicotomia asfalto/favela. Isso implica, por exemplo, na ampliação da forte fotografia, tirada pelo clássico jornalista Zuenir Ventura, da chacina de Vigário Geral, ocorrida no início dos anos 90, no Rio de Janeiro. Ali sim, estão delineados os contornos da Cidade Partida³, título de seu livro, porém, indevidamente generalizado, não pelo autor, diga-se, para o significado da relação de toda cidade.

Há, portanto, uma definição clássica, do ponto de vista da estrutura urbana, provocada fundamentalmente, nos grandes centros, pela concentração industrial, tardivamente ocorrida no Brasil; onde também se pode viver e verificar o grande êxodo rural das últimas décadas.

A idéia de cidade, classicamente definida desde sua criação, historicamente relacionada e situada na experiência grega, como forma de viver coletiva, passa por inúmeras transformações no processo histórico.

Uma das marcas fundamentais da identidade urbana contemporânea, como bem descreve Louis Wirth, expoente da Escola de Chicago, a nova forma de cultura tem como vetores a fragmentação social, o isolamento dos laços familiares, a superficialidade e a fragilidade das relações sociais, constituindo-se em um universo destituído de valores agregacionais e cooperativos⁴.

No entanto, tais características precisam ser bem contextualizadas. Wirth fala de Chicago, e o risco é uma leitura linear. As regiões periféricas são o lugar da resistência, portanto das superações dos riscos e das fragilidades expostos acima, ao mesmo tempo que são suas principais vítimas. A potencialidade da cidade pode inverter essa situação. Isto é, os limites geográficos podem ser demarcados por situações territorializadas com a costura urbana da diversidade.

Está aqui delineado e apontado um dos mais intrigantes desafios, especialmente para os meios de comunicação, mas sobretudo para os estudiosos e pesquisadores, quando cultura e pensamento se instituem como pressupostos para a produção do imaginário da cidade “como lugar de manifestação do poder coletivo e anônimo da criação de significações, tanto quanto das viagens através das quais a

³ *Cidade Partida*, Zuenir Ventura, Clássico da literatura jornalística, lançado no início dos anos 90, após a “Chacina de Vigário Geral”.

⁴ Cf. Louis Wirth, “O Urbanismo como Modo de Vida”, Otávio Guilherme Velho (Org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967, pp. 97-122

cidade se institui como realidade e como objeto de investigação”, como comenta a Profª Lilian do Vale, sobre Maria Alice Rezende⁵.

Isto fica particularmente singular quando a cidade em foco é o Rio de Janeiro, e especialmente quando centro e periferia se confundem numa espécie de imagem invertida do espelho como atestam São Conrado e Rocinha, Leblon e Vidigal, Tijuca e Borel (e todo o anel) e daí por diante.

Assim, apenas como primeiras indicações pode-se afirmar que do ponto de vista do associativismo e da manifestação da diversidade cultural das expressões tradicionais, as favelas são referencias principais ou centro enquanto que do ponto de vista dos equipamentos culturais (educacionais, de saúde) continuam sendo periféricos.

A partir da paradoxal afirmação de que quem tem a informação tem o poder pode-se confrontar o papel dos meios de comunicação na disputa da relação-reação centro/periferia e poder oficial/poder paralelo.

Na amplitude da significação, a afirmação é verdadeira. No entanto, há informações que não foram decodificadas pelos meios de comunicação. Destarte, os chamados formadores de opinião, na interpretação da informação, nem sempre acertam. Senão vejamos, por exemplo, a limitação destes meios, quando reduzem a favela à criminalidade, à violência, ao poder paralelo e tudo que identificam a partir da escassez.

Daí a insatisfação do papel das mídias, na cobertura da favela. Há dificuldades de se entender a diversidade das favelas para se entender a cidade.

Estudos e pesquisas mais rigorosos, que leiam e interpretem a cidade na sua complexidade, certamente vão descobrir uma cidade para além do cenário de violência. O foco será a potencialidade de afirmação da diferença e de superação da desigualdade, como aponta minha pesquisa, feita no decorrer de 16 anos, numa das comunidades do Rio, o Morro Santa Marta, quando a lógica do cerzimento é que dá conta da aproximação de compreensão do cotidiano e da existência da cidade⁶.

⁵ Cidade, Cidades – Maria Alice Rezende De Carvalho – Iuperj. 3 Visões de Cidade, Org. Cléia Shiavo Weyrauch

⁶ *Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta.* 2. ed. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005 – Adair Rocha

b. Poder Paralelo

Recentemente, jornalista e fotógrafo de um dos grandes periódicos da imprensa carioca foram seqüestrados e torturados, quando “descobertos”, vivendo duas semanas em uma favela na Zona Oeste do Rio, produzindo matéria sobre a ação da milícia e sua semelhança com os métodos do tráfico de drogas, na sua relação com as comunidades empobrecidas.

Pois bem, na seqüência deste fato, bastante inusitado, o periódico voltou-se de forma mais sistemática para a investigação da atuação e intervenção destes grupos (chamados paralelos) na vida dos moradores.

Na relação com a educação, e mais especificamente sobre a escola, sob denúncias de controle à direção da escola, na nomeação da coordenação da merenda escolar e também sobre os professores, que ficam limitados ao que podem ou não falar em sala de aula.

A pauta do jornal insistia nas possibilidades da escola, enquanto instituição pública presente no local, e de seus professores, minorarem os riscos da interferência paralela da criminalidade.

Tal proposta depara-se imediatamente com a fragilidade do poder público que, por sua ausência, possibilita a presença e o fortalecimento do poder paralelo. E quando mesmo representantes do poder legislativo - vereadores, deputados e senadores - constroem centros sociais e comunitários, cumprindo papéis que não os de delegados daquela população para fiscalizar o poder executivo e regular sobre suas lacunas. Neste caso, a obrigação institucional se transforma claramente em moeda de troca eleitoral.

Partindo da afirmação de que a educação, bem como a cultura e a comunicação e o conjunto das políticas públicas, são um DIREITO e, portanto, o seu ACESSO por parte da população é um dever do Estado, responsabilidade do poder público que governa, há um conflito urbano, social e político, especialmente nas capitais e nas grandes cidades a ser enfrentado e solucionado na relação poder público e sociedade.

Por isso, é preciso situar com a maior clareza possível, a complexidade do cenário urbano em conflito explícito (também o complexo rural), procurando saber o papel dos diversos atores.

A primeira constatação que é a presença do poder paralelo, como sintoma de ausência do poder oficial, leva-nos, no entanto, a ampliação da reflexão sobre o significado da relação público/privado e suas implicações na construção do comum.

Desde o papel institucional do Estado, ao significado público das instituições privadas nas relações com a sociedade, especialmente no que se refere às políticas públicas de transporte, de moradia, de saúde, de educação, de cultura, de economia, etc, há um caminho árduo, a percorrer na medida em que ferem interesses de classes de natureza cultural e política.

Os sintomas da ação da periferia são de superação das mazelas automáticas da gestão. A festa, a potencialização do comum, da tradição, etc. fazem a diferença.

A cisão centro/periferia está profundamente vinculada à sua significação. Portanto a imagem recorrente das afirmações dicotômicas: Abundância/escassez; ordem/desordem; civilização/marginalidade, segurança/ criminalidade reforça a idéia de subalternidade, dependência e inferioridade, na lógica linear dos meios de comunicação, especialmente aqueles pautados pelo consumo e pela concorrência, ou pelo grau de aprovação/reprovação da chamada opinião pública, privatizada pelas informações dominantes.

O leito manso desse ribeirão acaba por territorializar a história de preconceitos, ao tempo em que nega a possibilidade de rompimentos de padrões pré-definidos, com a consequente eclosão da potencialidade de diferença. Raça, etnia e manifestações culturais, se situam, via de regra, na submissão aos espaços sociais (urbanos e rurais) empobrecidos.

Isso traz à tona algumas categorias, de natureza sociológica e política, que intervém nas relações contraditórias das políticas públicas e convivem com práticas incoerentes com o sistema democrático definidas a partir dos pressupostos do direito e do acesso, como exposto no início do texto.

Assim, inclusão social e tolerância transformam-se em categorias justificadas de políticas públicas assistencialistas, mais que assistenciais.

Há aqui um confronto de natureza conceitual com riscos de marcas definidoras, disciplinadoras e ordeiras que procuram ser deslocados da possibilidade de exclusão de quem nunca foi incluído, consolidando-se assim, o sistema de exploração de natureza econômica, na sua lógica instrumental.

No mesmo sentido, o sistema político autoritário, que impõe o domínio disciplinar mormente os sistemas prisionais, extensivos dos sistemas de saúde, ensino, moradia, etc, quando a tolerância assumir o papel (mediador das desigualdades e de camuflação da diferença), numa postura clara de

superioridade de quem tolera, com naturalidade sistêmica como atestam, entre outros, preocupações Foucaultianas.

A Título de Primeiras Conclusões

Saberes institucionais, acadêmicos e técnicos estão cada vez mais colocados à prova. De um lado, pelo não acesso que o direito faculta, as populações periféricas, na sua maioria, fora do lugar institucional de ensino, de criação e produção dos saberes. Isso limita as instituições das possibilidades universalizantes.

Inúmeras iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido da inversão e da ampliação de acesso. Conquistas como pré-vestibulares comunitários que forçaram o investimento na política de cotas, como uma mediação histórica, tem ajudado na mudança do cenário acadêmico brasileiro.

No entanto, somente na medida da institucionalização das iniciativas e conquistas transformando-se em políticas públicas é que se pode falar em mudança qualitativa na construção da cidade ampliada democrática e cidadã.

Quando educação pode, de fato, potencializar a qualificação da população para a vida, onde o mercado é uma de suas dimensões, ela, no entanto, dá conta da qualidade da criação, da invenção e do aperfeiçoamento individual e coletivo, na sua diversidade, pluralidade e complexidade de significações: a cultura que sugere, assim, que a “informação deva estar solidamente ligada a um significado”.⁷

Tomando a cidade do Rio de Janeiro para os encontros e desencontros do espaço urbano contemporâneo, favela é constituinte do seu imaginário, assim como na fragmentação da sua globalidade.

A confirmação do poder público e da sociedade à constituição atual da cidade (e dessa megalópole especialmente), buscam e encontram explicação cultural, política e econômica na formação do seu processo histórico que compartimenta o seu uso, quando a Gamboa e a Zona Portuária abrigam a população negra e empobrecida e, não por acaso, as primeiras favelas, como o Morro da Providência. Tal lógica de ocupação se estende para as favelas e periferias da cidade.

⁷Cidade, Cidades – Maria Alice Rezende de Carvalho – Iuperj. 3 Visões de Cidade, Org. Cléia Shiavo Weyrauch. – Lucrécia p.10

O desafio atual está no reencontro da concepção histórica de cidade que incorpore as periferias urbanas à lógica da superação das desigualdades e da afirmação de diferenças, portanto, utópico e necessário na construção da política pública urbana.

“O ideal de cidade cerzida seria que nenhum morador, nem do asfalto, nem das favelas, fosse tratado como estranho”⁸

Adair Rocha é Doutor em Comunicação pela UFRJ; professor da PUC-Rio e do núcleo de Comunicação Comunitária e Projeto Comunicar; Professor adjunto da UERJ, na FEBF - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense; Professor de Comunicação Comunitária da UNICARIOCA. Publicou Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta. 2. ed. Rio de Janeiro, Museu da República, 2005. Autor de artigos publicados em revistas, jornais e capítulos de livros nas áreas de comunicação, cultura e movimentos sociais. Atualmente é Chefe da Representação Regional do Ministério da Cultura (MinC) no Rio de Janeiro e no Espírito Santo.

Notas Bibliográficas

Revista Rio de Janeiro, Fórum do Rio; Nape – Depto de Extensão/SR3/UERJ, Abril-2003, nº 09-162 pg.

ROCHA, Adair. *Cidade Cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O Urbanismo como Modo de Vida, *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967, PP. 97-122

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*, Zuenir Ventura – 1^a Edição. Editora Companhia das Letras, 2000.

WEYRAUCH, Cléia Shiavo. *3 Visões de Cidade*, Ed. Depto. Cultural da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

YUNES, Eliana e BINGEMER, Maria Elena Lucchetti. *A Bala, A Flor e o Perdão: Violência e Reconciliação*; Ed. PUC-Rio, 2006.

⁸ Itamar Silva in prólogo de *Cidade Cerzida: a Costura da Cidadania no Morro Santa Marta*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005- Adair Rocha